

Suplemento Cultural

Viva Campo Grande, nossa querida Morena!

FOTO: JOÃO ALVES FILHO - GOOGLE



Imagem noturna de Campo Grande-MS, que estará completando 115 anos no próximo dia 26/08/2014

**RUBENIO MARCELO – POETA
ESCRITOR E CIDADÃO CAMPO-
GRANDENSE**

Ostentando a condição natural de uma das capitais mais importantes do país – detentora de aspectos socioeconômicos destacados e manifestações culturais diversificadas – a nossa querida “Cidade Morena” (como Campo Grande é carinhosamente conhecida, numa referência à coloração de suas fecundas terras) encontra-se em plenas comemorações dos seus 115 anos de emancipação política.

Conforme os anais da história, Campo Grande surge como município em 26 de agosto de 1899 (por meio da Resolução nº 225), e – através da Lei Complementar nº 31, assinada pelo então presidente da República, Ernesto Geisel, em 1977 (11 de outubro) – é elevada à capital do Estado de Mato Grosso do Sul (que foi instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1979).

Como é prazeroso e confortável viver em Campo Grande!... Viver Campo Grande... Desfrutar das suas

belezas, passear nas suas modernas e arborizadas alamedas, visitar seus pontos turísticos, acompanhar o seu harmonioso e sustentado progresso, enfim: curtir o fascínio geral que emana naturalmente desta ‘Rainha do Centro-Oeste’, ‘Capital dos Ipês’. A propósito, a amiga e confeitaria Maria da Glória Sá Rosa, timbrando este intenso amor telúrico, assim asseverou num dos seus

naviosos artigos: “A Campo Grande de meus sonhos – feita de imagens, rostos, paisagens, monumentos – é única em sua configuração. Por isso, marcou-me profundamente e não a troco pela mais brilhante metrópole do universo”. Já o ilustre confrade/poeta Geraldo Ramon Pereira assim extravasa no seu soneto “Campo Grande de agora”: “(...) São seus prédios mãos postas a um bendito

“

Como é prazeroso e confortável viver em Campo Grande!... Viver Campo Grande... Desfrutar das suas belezas, passear nas suas modernas e arborizadas alamedas, visitar seus pontos turísticos (...)”

/ Céu de araras azuis com garças claras... / Teu luar tem o encanto de algum mito! / Nem se sabe o que em ti é mais bonito: / Se as manhãs – que em sorrisos escancaradas; / Se as tardinhas – em que oras ao Infinito!”.
E eu, que fui acolhido tão bem por

esta bela “Morena” (e que hoje tenho também a honra de ser um cidadão honorário campo-grandense), mais uma vez entoo de coração, nesta ocasião especial, este meu singelo tributo-homenagem em versos:

Minha Ode a Campo Grande
(Rubenio Marcelo)

*Ser estame da flor deste cerrado
Em perfeito e justíssimo prazer...
Partilhar deste encanto abençoado
Que sublima a cerviz do nosso ser.*

*Seduzir-se perante este eldorado
No fluir natural de um benquerer...
Chamar-se chamamé, mate gelado,
Ou guavira em eterno florescer...*

*Ter a morena cor deste lugar;
Ser qual trigo fecundo e respirar
Toda beleza inata que se expande...*

*Verdejar horizontes e sementes
Em segredos e prosas transcendentes...
E ser feliz assim em Campo Grande!*

POESIA

ANGÚSTIA

Sinto tanta vontade de dizer o que sinto mas sinto mais ainda por não saber dizer, como é pobre a palavra e grande o meu sofrer acorrentado e inerme ao meus instintos.

oh! DEUS, que é AMOR e tanto me protege, dai luz, inteligência a esse pobre mortal para que consiga uma frase ideal capaz de desprender-me dos prazeres de herege,

mudando essa amargura e desespero mudo num poema de PAZ, de AMOR e harmonia e que possa, feliz, ver a pureza em tudo;

Encontrando de volta a bendita alegria numa frase ideal que servirá de escudo pra meus sonhos de AMOR, em harmonia!

JÚLIO GUIMARÃES

CONSELHOS PATERNOS

Segue, meu filho, ao longo do caminho, que o destino em teu nome tem traçado. Entre rosas encontrarás o espinho nas folhagens às vezes camuflado...

Terás teus companheiros, mas cuidado, porque não podes ser um adivinho. Se a sorte é boa, serás cortejado e se é má, ficarás quase sozinho...

No amor existem muitas frustrações e sonhos que não passam de miragem, prazer no início e depois decepções...

E enquanto o tempo célere se esvai, um dia lembrarás pela viagem dos conselhos amigos do teu pai...

GERMANO DE BARROS

CAMPO GRANDE, AQUELE ABRAÇO!

GERALDO RAMON PEREIRA

Aquele abraço! – ó bela Campo Grande – pelos seus cento e quinze anos de emancipação como cidade. Cidade que adotei para amar e viver. Que este amplexo – forte como o vigor de nossa gente e largo como a amplidão dos nossos horizontes – envolva também, pleno de gratidão, seu bravo fundador.

Ah! inesquecível José Antônio Pereira... Se aí “no assento etéreo onde subsiste, memória desta vida se consente”, evoca, em saudosa retrospectiva, a confluência dos antológicos córregos, em cujo pontal construíste o primeiro rancho e onde, com a mão em concha, sorvias aquela água gostosa, límpida e fresca... Até há de lembrar que os peixes, em exuberante cardume, acorriam-te às mãos, imaginando fosse um fruto caído!... Pois os dois sonoros riachos ainda cá existem – o Prosa e o Segredo – pena que espremidos, ora em valas de concreto, ora entre margens escavadas, às vezes até aprisionados em túneis sob o asfalto. E agora, em vez de aqueles murmurantes fios de límpida água, canos de esgoto é que desembocam neles... Oh! Não fiques triste, meu caro Zé! Tudo foi consequência de um desenvolvimento espontâneo, desenfreado e aleatório, muitas vezes sem projeto algum, polêmico até, mas necessário sempre. Tais frutos imprevisíveis, todavia, nada têm a ver com aquele almejado progresso com que tanto sonhaste e ajudaste a construir e de que foste o messias germinal.

De qualquer forma, não obstante o ônus imposto à Natureza, deve-se insistir no desenvolvimento pretendido em um lugar predestinado. Foi o que

fizeste, prezado José Antônio: semeaste a semente de uma “praga santa” – o Progresso – que se emaranhou como hera bendita pelas entranhas da antiga vila de Santo Antônio de Campo Grande. E os que vieram depois, igualmente envolvidos na evolução acelerada das coisas e dos tempos, fomentaram esse arrojado espírito de luta herdado ao seu fundador, e hoje ninguém mais segura esta pujante metrópole.

Entretanto, na ânsia indômita de mudanças e progresso, imperdoáveis precauções foram cometidas, as quais vieram estremecer o espírito faceiro e conservador de nossa gente. A propósito, meu dileto José Antônio Pereira, o que aconteceu com aquela primeira igreja que levantaste – a pioneira Matriz de Santo Antônio? Tudo bem, que seu primitivo templo, ainda pequeno, de material inadequado, fosse substituído por outro, mais bem situado, que melhor acolhesse os devotos e suportasse as agressões do tempo. Substituiu-o, pois, aquele prédio com as típicas torres pontiagudas, portas e janelas com vitrais artísticos e multicores, enfim, detalhes que marcaram indelevelmente gerações e gerações de campo-grandenses. Mas eis que, ao ensejo de uma nova reforma – que, antes de tudo, clamava pela preservação dos traços externos de um templo tradicional – alguém, adormecido em sentimentos nativos e até cívicos, troca a divina feição engastada no velho templo por frias linhas da moderna arquitetura, num total desrespeito a um dos (ex)cartões postais da nossa Memória.

Semelhante barbárie ocorreu com o “relógio da praça”. A pretexto de desfogar o trânsito, o eterno (de)marcador de nossos costumes e tradições foi deitado do corpo de nossa cidade, que, aos olhos dos que realmente a amam, pare-

cia mutilada. Depois de longos anos de inconformação e protestos de muitos, um pequeno grupo, atendendo aos anseios da comunidade, decidiu trazer o relógio de volta. Só que, ao invés de recolocá-lo no seu antigo e devido lugar, a réplica foi instalada em outro que tem nada a ver. Eu, que o conheci, ali no cruzamento da 14 com a Afonso Pena, sempre que agora o vejo, assim deslocado, tenho a mesma impressão estranha que teria se me deparasse com um velho amigo que, por ter um membro decepado, teve-o reimplantado fora do lugar. Louvável a iniciativa, infeliz a compensação! E nada justifica, ante o espaço disponível e as técnicas modernas de sinalização, que não se recoloque o saudoso “relógio da praça” no seu pioneiro posto – não fosse a insensibilidade e desapego, de alguns, por nossa tradição e costumes.

Contudo, o “relógio do tempo” – implacável e indestrutível – aponta agora para os 115 anos de nossa adorada Campo Grande – matrona perenemente gloriosa, sempre a perdoar-nos pelos erros e a retribuir-nos pelos acertos. O desenvolvimento e progresso refletem a determinação e labuta de seus filhos, legítimos ou adotivos, sempre a vendo como extremosa mãe, um sublime misto de anciã e menina. Menina – cujas bonecas de sonhos dormitam em berços de recordações, ora armados pelos cerrados, sob coqueiros e guavirais, ora às margens floridas de ipês, junto aos ribeiros Prosa e Segredo. Anciã – que plasma à vigorosa memória a vivência e os costumes dos seus heroicos tempos da infância, adolescência e dinâmica vida adulta. E eis que as duas naturezas – de menina e de anciã – fundem-se e explodem nesta magnífica e esplêndida Campo Grande Morena, a quem envio, neste ensejo, efusivos parabéns e aquele abraço!

LIVROS

RAQUEL NAVEIRA

Minha paixão pelos livros vem da infância. Sempre gostei do objeto livro, mesmo antes de ler ou escrever. Folheava as páginas e intuía que um livro aberto continha vozes e segredos desvendados. Observava as capas, a textura do papel, o cheiro da tinta. À noite, no escuro do quarto, acendia uma vela e passava a chama devagar pelas ilustrações coloridas, imaginando que ficariam animadas.

Na nossa casa, morou conosco durante muito tempo uma governanta e babá chamada Correntina, que viera de Bela Vista, fronteira do Paraguai. Um dia, ao me ver debruçada sobre um livro, perguntou:

– Você já aprendeu a ler?
Respondi, mentindo:

– Já.

E ela, um pouco irônica:

– E o que está escrito nesse livro?

– É a história de um pirata que atravessou o mar para encontrar um tesouro numa ilha cheia de fantasmas. E comecei a inventar uma história. Enorme o prazer de vê-la surpresa, acompanhando cada palavra. A descoberta de um estranho poder.

E assim os livros sempre me acompanharam. Achei especialmente linda a cartilha “Suave Caminho”, aquela estrada entre lírios alaranjados, que levava a menina à Escola, porta da ciência, do conhecimento, da sabedoria. Os contos de fadas de Andersen: lombada cor-de-rosa. A coleção completa de Monteiro Lobato: lombada verde com losangos dourados. As lendas árabes de Malba Tahan: cor-de-vinho, com desenhos de palmeiras brancas. E o Tesouro da Juventude, capa cinza, onde li em voz alta os primeiros versos, os primeiros poemas. A forma e o ritmo, minha expressão de amor.

Logo compreendi que o livro era manifestação de algo mágico, recanto de palavras perdidas. Que as letras se embaralhavam, depois se combinavam infinitamente e revelavam a totalidade de seres, decretos e enigmas.

Um dia, saí andando pelo mundo e pelas cidades, à procura de livros. Dos livros de meus escritores preferidos. Dos meus próprios livros. Saí em busca de mim mesma pelas ruas centrais, pelos labirintos onde há sebos cheios de corujas e gatos ocultos entre as prateleiras.

Adoraria ter escrito como o poeta cario-

ca Antônio Cícero um livro intitulado A Cidade e os Livros. Começa-lo com um poema onde descreveria o centro do Rio, cidade proibida, entrando em becos, travessas, avenidas, galerias, cinemas, livrarias com nomes exóticos, como: Leonardo da Vinci, Colombo, Alfândega, São José, Cosmos, Berinjela. Maravilha-se o poeta: “Eu só sentia algo semelhante ao perceber que os livros dos adultos também me interessavam: que em princípio haviam sido escritos para mim os livros todos.”

Aqui em São Paulo, os sebos estão ao redor da Praça da Sé. Vou sempre ao Messias, ao José de Alencar, ao Nova Floresta. Esse nome, Nova Floresta, me faz lembrar livros que caem de árvores, no meio de um bosque coberto de folhas de papel, que o vento leva e farfalha.

Para o argentino Jorge Luis Borges, os poetas, como os cegos, podem ver no escuro. Ele imaginou, em seu conto “Biblioteca de Babel”, uma biblioteca universal, com todos os livros do mundo e, em “Livro de Areia”, um livro monstruoso, objeto de pesadelo, que prendia a atenção do leitor para sempre.

E por falar em biblioteca, em templo do saber, veio à minha memória o Real Gabinete Português de Leitura, na Rua Luís de Camões, no centro do Rio. Que beleza arquitetônica, que acervo fantástico. Uma instituição que dignifica Portugal no Brasil, desde 1837. Verdadeiro padrão da nacionalidade e da língua portuguesa transformada em arte literária. Na sala de leitura, entre vitrais coloridos representando a náutica dos descobrimentos, vários níveis de estantes repletas de livros. Enquanto observava quase sem fôlego aquele espetáculo, uma mulher ao meu lado persiguiu-se, fazendo o sinal da cruz. A sensação profunda de pisar um lugar sagrado.

A Bíblia, o grande livro de minha alma poética, menciona várias vezes a expressão “O Livro da Vida”. Paulo disse que as pessoas que cooperam com ele no evangelho tinham seus nomes escritos no Livro da Vida. E Jesus afirmou que os nomes dos vencedores que se mantêm puros não seriam apagados desse livro.

Quero estar em paz, entre meus livros, enquanto me preparo para entrar numa cidade iluminada. Numa biblioteca infinita. Será a glória.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

CHÁ ACADÊMICO COM ‘ENFOQUE DA LITERATURA UNIVERSAL’ – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em parceria com a Associação Campo-Grandense de Professores (ACP), tem o prazer de convidar seus membros (e amigos do sodalício) para a “Nova Dinâmica do Chá Acadêmico”, que terá continuidade

de no próximo dia 28/08 (quinta-feira), às 19 horas, na sede da ACP (Rua 7 de Setembro, subesquina com a Rua Rui Barbosa – Centro). Na ocasião, será ministrada, pelo acadêmico J. P. Frazão, uma concisa palestra sobre o relevante tema “A Obra de Alfredo Taunay e sua importância para o MS”. Escritor, jornalista e palestrante, Frazão é o titular da Cadeira 29 da ASL.